

## **“Agora é tarde, Inês é morta.”: sincronia e diacronia no ensino de verbos para estrangeiros**

Sérgio Paulo Gomes de Vasconcelos (UERJ e PUC-Rio)

*Agradeço ao Mestre José Carlos Azere-  
do, sem o qual este trabalho não seria  
realizado.*

Quando analisamos e ensinamos a estruturas lingüísticas de uma língua, qualquer que seja ela, podemos fazê-lo de três modos: sincrônico, diacrônico e pancrônico. No caso específico do ensino do português como língua estrangeira (PLE), trabalha-se praticamente apenas com a modalidade sincrônica. Não há necessidade de ensinar ao aluno os mecanismos de transformação histórica que levaram a língua ao seu estágio atual. Some-se a esta informação o fato de que o próprio aluno não tem interesse por aprender essas informações, com raras exceções: dependendo de sua curiosidade pessoal ou de suas necessidades, como por exemplo, um aluno que tenha vindo estudar assuntos relacionados à Língua Portuguesa ou à Literatura em língua portuguesa.

Os raros momentos de explicação diacrônica poderão ocorrer na explicação de expressões cristalizadas.

Então nos deparamos com a célebre frase “Agora é tarde, Inês é morta.”, alegadamente proferida por ocasião da morte da dama galega, em 1355. Observando-a atentamente nota-se que o verbo *ser* está sendo utilizado com o valor de *estar*. Surge então a questão: Se um estudante de PLE traz esta questão, como lhe dar uma resposta satisfatória e ao mesmo tempo lingüisticamente correta? De modo

diacrônico ou de modo sincrônico?

De início, é importante que nos lembremos de que a distinção *ser/estar* não é comum para muitas línguas faladas por estrangeiros, principalmente considerando que muitos estudantes são anglofalantes ou teutofalantes e em suas línguas não ocorre tal distinção. Mas esta questão já foi ultrapassada quando o aluno iniciou seus estudos em Língua Portuguesa, afinal, quando aprende-se uma língua estrangeira, em geral, os verbos *ser* e *estar* estão entre os primeiros a serem aprendidos. Quanto mais na língua portuguesa, onde ocorre tal distinção.

Primeiramente falemos da explicação DIACRÔNICA. Naturalmente contextualizaríamos a expressão para que o aluno pudesse entender seu real significado: “Agora não adianta mais.” ; “Agora já é tarde demais.”

Explicaríamos a ele que esta frase pertence a um fato da história de Portugal do século XIV e que teve suas primeiras compilações textuais nos séculos XV e XVI, sendo inclusive narrado em Os Lusíadas. Esses passos seriam suficientes para dar uma resposta diacrônica superficial e satisfatória para um aluno de PLE.

Depois, poderíamos passar a uma explicação que envolvesse possíveis flutuações nos usos dos verbos *ser* e *estar* àquela época, justificando o uso do verbo *ser* na frase. Para isso, necessitaríamos de conhecimento de História da Língua Portuguesa, mas como sabemos, os cursos de Letras não têm fornecido a devida estrutura para que os alunos sejam conhecedores da História da língua, do mesmo

modo que os próprios alunos têm pouco interesse em estudá-la.

Poderíamos. Mas esta não é a resposta para nossa questão.

Consultando o Mestre José Carlos de Azeredo encontramos a derradeira explicação diacrônica para a ocorrência do verbo ser naquela frase.

A questão se resume no seguinte: havia em latim verbos que sempre se empregavam na forma passiva; morrer (inf. Mori) era um deles. Nos períodos arcaico e clássico da língua era comum a construção ‘Eles são mortos’ para significar ‘Eles morreram’, com aspecto conclusivo. Trata-se de um arcaísmo gramatical, uma espécie de imitação da sintaxe latina, e nada tem a ver com o verbo matar, cuja origem é ignorada ou, no mínimo, controvertida.

Hoje é um uso raro, embora esteja documentada, por exemplo, na bela letra de Lunik 9, se não estou enganado: “É chegada (isto é: chegou) a hora de escrever e cantar/talvez as derradeiras noites de luar.” Repare que o tom solene da letra da música celebrizada na interpretação de Gilberto Gil justifica a escolha daquela construção. Em todo o caso, é uma construção cristalizada, improdutiva na atual sincronia da língua. Em tempo: chama-se depoente o verbo que tem forma passiva e significado ativo.

Eis que esta é a explicação diacrônica que elucida a questão. Todavia, para chegarmos a ela recorreremos a vários livros e não encontramos a resposta. Foi apenas consultando pessoalmente um antigo mestre e amigo que pudemos ter nossa questão respondida de

modo sucinto.

No entanto, este assunto é de pouca valia para um estudante de PLE. Para ele, como já foi dito, são de maior valor as explicações sincrônicas, pois ele lida com a língua viva, falada e escrita nos dias atuais e é um observador externo bastante atento e crítico, capaz de observar fatos que nós, nativos, jamais havíamos notado.

(Em tempo: Assim o dicionário Houaiss se pronuncia acerca da origem da palavra matar: orig.contrv.; segundo Corominas, prov. de um lat.vulg. \**mattáre* 'golpear, abater', que JM considera evolução vulg. do v.lat. *macto,as,ávi,átum,áre* 'prover, recompensar com, aumentar, engrandecer; imolar, sacrificar, oferecer (aos deuses), votar, consagrar, dedicar, matar'; ver *mat-*)

Acerca de uma possível resposta SINCRÔNICA, observemos que a possibilidade de troca dos verbos *ser/estar* é possível em muitos enunciados. Vejamos alguns exemplos.

(1) Sendas: tudo de bom é aqui. (Slogan de rede de supermercados.)

(2) **Estávamos** cinco no automóvel. [Sacconi, p. 137]

Em (1) a substituição pelo verbo *estar* é clara, podendo criar o enunciado a seguir, sem alteração no sentido da sentença:

(3) Sendas: tudo de bom **está** aqui.

Em (2) ocorre o oposto: a substituição pode ser feita pelo verbo *ser* e também não há mudança de sentido no enunciado:

(4) **Éramos** cinco no automóvel.

Esses dois únicos exemplos ilustrativos rompem com a “clás-

sica definição que opõe o verbo ser como: *estados permanentes (SER) X estados temporários (ESTAR).*” [Rebelo, s.p.]

Todavia, uma observação deve ser feita: em (1) a opção pelo verbo *ser* conota uma abrangência que não seria atingida com o verbo *estar*. O verbo *ser* traduz o ápex do que é bom como presente naquela rede de supermercados.

Outra questão que pode ser utilizada para ilustrar a flutuação entre os verbos ser e estar diz respeito ao tempo. Vejamos alguns exemplos esclarecedores:

(5) “Agora eu **era** herói...”

(6) O bandido já **era**.

Em (5) o verbo no pretérito imperfeito contrasta com o advérbio “agora”, que é um marcador de presente. Logo, o aspecto do verbo não é estabelecido por ele mesmo, mas por um modificador externo, sua “vizinhança frasal”. [Rebelo, s.p.]

Em (6) poderíamos substituir a frase por:

(7) O bandido **morreu**.

Nesse caso, temos uma expressão cristalizada. O advérbio “já”, representante da “vizinhança frasal” não exprime valor temporal, mas é apenas um intensificador que atua sobre o verbo.

Compare este caso com a sentença

(8) Ele chegará já já.

Em que o segundo “já” é um intensificador do primeiro.

Em resumo, o aluno precisa ser conhecedor de que os verbos *ser* e *estar* não só são cambiáveis, como também podem não indicar

o aspecto temporal esperado deles apenas por sua morfologia.

Esperamos que este artigo tenha contribuído para esclarecer esta importante questão acerca desta célebre frase e mostrar que o ensino de PLE embora deva ser concentrado na sincronia, pode encontrar questões que só encontrarão uma resposta correta através da diacronia. Deste modo, a adoção de uma postura pancrônica é de maior benefício tanto para o professor como para o aluno. Todavia, cabe ao bom senso do professor levar certas questões ou não ao seu aluno.

## Referências Bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. Re: Sérgio Paulo [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <profsergiopaulo@hotmail.com> em 12 outubro 2005.

BEZERRA, Antony C. Inês de Castro. <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=511>>. acessado em: 14 de outubro de 2005.

CAMÕES, Luis Vaz de. Os Lusíadas: Episódio de Dona Inês de Castro, Canto III, 118 a 135. <<http://www.marportugues.hpg.ig.com.br/lusiadas1.htm>>. acessado em 14 de outubro de 2005.

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A. Metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de Gramática Histórica. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1995.

DIAS, Augusto Epiphania da Silva. Syntaxe historica portuguesa. 5. ed. Porto: Livraria Clássica Editora, 1970.

HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

REBELO, Ida Maria Mota. Então, fica como está? 1999. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

SACCONI, Luiz Antônio. Não erre mais! 18. ed. rev. aum. São Paulo: Atual, 1990.

SAID ALI, Manuel. Gramática histórica da língua portuguesa. 7. ed. melh. aum. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SILVA, Fernando Correia da. Inês de Castro. <<http://www.vidaslusofonas.pt/inesdecastro.htm>>. acessado em 13 de outubro de 2005.

SILVEIRA, Sousa da. Lições de português. 8. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972.